

ENRIQUE DUSSEL: por uma Filosofia da Libertação

Alípio Casali *

Os anos 60 ficaram marcados por profundas transformações econômicas, políticas, sociais, ideológicas, no seio das formações sociais da A. Latina, África e Ásia, redefinindo-se suas relações internas e com os centros dominadores do norte-atlântico.

As ciências humanas, a própria filosofia e teologia, viram-se de súbito acossadas, frente ao novo desafio de compreender criticamente o novo momento histórico. Era preciso repensar inclusive seus próprios fundamentos enquanto ciências.

É neste contexto que poderemos aproximar-nos da reflexão de ENRIQUE DUSSEL. Argentino, nascido em 1934. Formação em História,

*Professor de PFTHC e Mestrando em Filosofia da Educação na PUC de São Paulo.

Filosofia e Teologia. Doutoramento em Filosofia (1959) com a tese "A problemática do bem comum". Dois anos de vida e trabalho operário nos Kibutz em Israel. De 62 a 68 na Europa, pesquisando e escrevendo. Seria esta a "primeira fase" de seu pensamento: "um pensar ainda ontológico", escreve ele. Publica algumas obras e uma série numerosa de pequenos ensaios antropológicos e teológicos. Por volta de 68 retorna à Argentina. Vai amadurecendo o que ele chamou de "um novo momento" de sua reflexão: em torno do tema que, embora presente em seus estudos e trabalhos anteriores, vai-se tornando presente com força cada vez maior: a libertação dos povos latino-americanos.

1971 marca de modo mais definido este "novo momento" em que DUSSEL se situa ainda hoje. As obras mais importantes dessa etapa são:

a) alguns artigos, reunidos na antologia

A. Latina, Dependencia y Liberación, ed. Gambeiro, B. Aires, 1973 (esta coletânea contém, discriminadamente, artigos da primeira fase e deste "novo momento");

b) os livros:

Para una Etica de la liberación latinoamericana, tomos I e II (III ainda inédito e IV em elaboração), ed. Siglo XXI, B. Aires, 1973;

Metodo para una Filosofia de la Liberación, ed. Síqueme, Salamanca, 1974;

El dualismo en la Antropologia Cristiana, ed. Guadalupe, B. Aires, 1974;

Caminos de la liberación latinoamericana, tomos I: Teologia de la Liberación y Historia; II: Teologia de la Liberación y Ética; III: Teologia de la Liberación y Política; ed. Latinoamérica Libros, B. Aires, 1972;

Filosofia de la Liberación, ed. Edicol, México, 1977.

Esta última obra é a mais recomendável de imediato para um contato direto com a reflexão de DUSSEL. Não obstante sua problemática densa, é de linguagem clara e precisa, acessível a quem não tem formação filosófica. Nesta obra Dussel sistematiza didaticamente grande parte das questões abordadas nos trabalhos anteriores. E explicita melhor a posição de uma Filosofia da Libertação no momento histórico atual, no quadro das ciências, da Ontologia, e da prática política, nos países "periféricos" hoje: "O cientificismo da filosofia analítica sem marco político, o marxismo sem marco histórico, e a história sem marco teórico, são os três perigos em que cai e pode cair a filosofia da periferia em nossos dias. A filosofia da libertação pretende assumir tais

posições a partir de uma atitude superadora, porém não eclética. Pretende propor um discurso novo que inclua organicamente os discursos enunciados, sem desnaturalizá-los, ao contrário, dando-lhes seu autêntico sentido. Pretende, ainda, histórica e filosoficamente, superar o fisiologismo grego, o teologismo medieval e o consciencialismo moderno do centro, para discernir uma antropologia, uma filosofia que tenha como pivô central o homem como homem, como liberdade, como exterioridade, como pessoa. Por isso, a política, em seu sentido ético e metafísico, é seu próprio coração; claro que política popular.” (Fil. de la Lib., p. 178 – 179.)

O problema central de que se partiu foi: “É possível uma filosofia latino-americana, africana, asiática: do mundo periférico ? ” A resposta afirmativa é a própria hipótese de trabalho que Dussel empreende. Neste trabalho “é necessário não só não ocultar; mas ainda partir da dissimetria centro-periferia, dominador-dominado, totalidade-exterioridade, e, a partir daí, pensar todo o pensado até agora. Mas, mais ainda, pensar o nunca pensado: o processo mesmo de libertação das nações dependentes e periféricas. O tema é a própria práxis de libertação; a opção por tal práxis é o começo de um protodiscurso filosófico. A política introduz a ética e esta a filosofia.” (id. pág. 180)

Temos aí a indicação do método (“caminho”) radicalmente **novo** a ser tomado. O começo deste discurso é a apresentação da gênese histórico-ideológica do que se pretende pensar, dando preponderância à sua localização espacial, mundial. Dá-se, desde aí, uma prévia opção ético-política em favor do oprimido da periferia: respeito pela exterioridade do outro, geopolítica e socialmente falando, que leva à escuta de sua palavra e ao seu “serviço” numa práxis libertadora.

Esta gênese histórico-ideológica permitiu trazer à tona as categorias mais fundamentais do próprio discurso: totalidade, exterioridade, proximidade, mediação, alienação, e, afinal, libertação. A libertação não se dá dentro da totalidade mas na sua ruptura. Por isso não é dialética (“ao-longo-de” = dentro-de) e sim **ana-lética** (“mais-além-de”).

Esta é a originalidade da filosofia da libertação. Diferentemente das ciências fáticas ou formais, a filosofia da libertação não se ocupa só do nível ôntico e sim, igualmente, do ontológico; e diferentemente do método dialético se ocupa também do âmbito metafísico ou da exterioridade. A exterioridade radical do Outro (nação, povo, classe, pessoa...) rechaça toda

previsibilidade, toda predeterminação. Escutar a palavra do Outro e servir como práxis na justiça, eis o caminho da História.

Neste sentido, a filosofia da libertação é a primeira crítica realmente radical das ciências e sua epistemologia, da Ontologia, da Cultura, da História. E, nisto, abre caminho para uma práxis verdadeiramente libertadora.

*

PRÊMIO DE FILOSOFIA

Neste ano, aos 30 de agosto de 1977, a Fundação Moinho Santista atribuiu o Prêmio Moinho Santista de Filosofia ao Prof. Dr. Alexandre Correa, conhecido filósofo neotomista que, por muitos anos, lecionou filosofia na Universidade Católica de São Paulo, — de cujo curso de filosofia foi um dos fundadores — e na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Grande conhecedor da História da Filosofia clássica, o professor premiado realizou numerosas pesquisas nesse campo. Na mesma ocasião, idêntico prêmio foi atribuído ao Prof. Anísio Teixeira, pela especialidade Educação, numa homenagem póstuma de reconhecimento pelo trabalho teórico e prático deste representativo filósofo da educação no Brasil.

*

NECROLÓGIO

A comunidade mundial acaba de perder significativas figuras do pensamento filosófico, que grande contribuição trouxeram em suas várias especialidades, para o desenvolvimento da cultura humana neste século.

Além de Ernst Bloch, falecido em agosto passado, morreram Hannah Arendt, em 1975, Emile Benveniste, Martial Gueroult, Maurice Nedoncelle, Michael Polanyi, em 1976 e Eric Weil em 1977. Em julho do corrente, faleceu no México, o conhecido pensador e jurista guatemalteco Luis Recasens Siches; no Brasil, faleceu Luis Antônio Machado Neto, pensador baiano que se dedicou aos estudos de filosofia do direito e de epistemologia das ciências humanas.